

PRÉMIO NACIONAL DE LITERATURA 25 DE MAIO 2010

ONTEM e HOJE

Contos Tortos e os Direitos



Ou
a MULHER nos contos tradicionais

Ficha Técnica:

Autor: Angelina Neves
Fotografias: Mário Lemos
Revisão: GTAEMO
Editor:PAWA
No.de Registo:
6961/RLINLD/2011
No.de Exemplares: 500



Nota do Autor sobre os contos seleccionados:

Há já vários anos que eu tenho acesso a recolhas de “contos tradicionais” através de ONG's moçambicanas com quem tenho trabalhado: a Organização Progresso, a trabalhar em Cabo Delgado e Niassa; a Associação dos Reformados Moçambicanos; a CFD – Criança Família e Desenvolvimento, a trabalhar com as escolas primárias e pré-primárias na Província de Maputo. Estas recolhas são feitas entre professores, educadores e “avós”.

Na sua maioria os contos chegam até mim manuscritos, para que eu seleccione alguns, os “harmonize” ou adapte e transforme numa linguagem mais acessível às crianças, a fim de serem publicados em livrinhos infantis.

É de notar que não saberia dizer se um conto é do Norte ou do Sul de Moçambique – com toda a movimentação de pessoas devido às guerras, e mesmo “missões de serviço”, ser-me-ia impossível dizer de onde é originário um conto uma vez que o mesmo conto, ou um similar, me chega de vários locais diferentes e, inclusive, há contos que não saberia dizer se são uma adaptação africana dum conto árabe, europeu, indiano ou se terá sido adaptado pelos árabes, europeus, indianos a partir de um conto africano. Assim, deixo esse pormenor da origem dos contos para os estudiosos e historiadores. Na verdade, alguns destes contos eu sei que, duma ou de outra maneira, já foram publicados em diversos locais e eu própria já utilizei alguns em diversas situações.

Nota do Editor

O Prémio literário 25 de Maio PAWA, em parceria exclusiva com a Electricidade de Moçambique, Empresa Pública (EDM EP), vai já na sua terceira edição. Este prémio cinge-se ao conto tradicional, género eleito pela PAWA, na valorização e disseminação do nosso vasto património cultural.

À luz deste galardão foram já publicados os livros “No Regulado de Canda-Canda”, de Arnaldo Massangaie e “Da Astúcia à Vingança do Coelho”, uma colectânea dos contos e lendas tradicionais, em 2007.

Ao eleger este género da literatura oral, a Associação Pan-Africana de Escritores (PAWA) - Representação de Maputo, tem como objectivo maior demonstrar que os valores do nosso património não se circunscrevem somente à vertente expositiva, estática, folclórica, mas que ganham, ainda que sub-repticamente, na dinâmica da sociedade, um ímpeto inovador que importa registar de forma contínua no suporte livro, instrumento indispensável na preservação e divulgação da cultura.

O Prémio Literário 25 de Maio PAWA, já ganhou raízes. O crescente número de participantes, em cada edição, é sinal que este género, tal como outros da tradição oral, clama por um espaço de cidadania plena no mundo das letras.

ONTEM e HOJE

Contos Tortos e os Direitos

Ou
a MULHER nos contos tradicionais



A Avó e Ilundi, a sua neta mais nova que agora tinha 11 anos, entendiam-se muito bem. As duas prepararam o chá, fizeram biscoitos e estavam a pôr a mesa para o chá quando Ilundi contou à avó:

Ilundi – Temos de fazer um trabalho de grupo para a escola sobre contos tradicionais. Temos de recolher vários contos sobre vários temas. Por exemplo, temos de levar pelo menos um conto tradicional sobre “o poder duma planta”. A avó lembra-se de algum que me possa contar?

Avó – Há muitas plantas com poderes! Por exemplo, as plantas cor de laranja como a cenoura e as plantas verde escuras como os espinafres, têm muita vitamina boa para a visão e evitam a cegueira! Há outras que curam dores de barriga ou de cabeça e há também aquelas que afugentam mosquitos. Há as que podem matar, que são venenosas... Muitas vezes as pessoas acham que algumas plantas podem ter poderes mágicos especiais! Mas devemos ter sempre respeito pelas plantas. De que tipo de planta queres falar?

Ilundi – Oh! Não sei! Um conto de cada? A avó pode escolher o que achar melhor!

Avó – Há um conto do qual eu gosto muito.



As mulheres e as abóboras

Certo dia, as mulheres foram falar com Deus:

– Os homens têm todo o poder e nós, as mulheres, somos como suas escravas, sem defesa. Por isso, viemos pedir-lhe algo para nos podermos defender.

Então, Deus deu às mulheres umas pequenas sementes, explicando:

– Ide plantar estas sementes nas vossas casas, na lixeira, em qualquer lado. Reguem as sementes sem fazer barulho. Quando frutificarem vocês terão abóboras e nelas hão-de encontrar tudo aquilo de que precisam.

As mulheres assim fizeram. E viram como as abóboras eram bonitas, grandes e saborosas. Com elas alimentavam a família e defendiam-se contra muitos feitiços e desgraças.

Assim, as mulheres encontraram o que desejavam e tornaram-se a defesa da família.

Ilundi – Obrigada avó! Gostei e já tomei notas para não me esquecer!

A mesa estava posta. Agora iam lanchar.

Ilundi foi chamar a Tia e a sua irmã Marta que conversavam animadamente na varanda.

A Tia era a filha mais nova da Avó. Trabalhava sempre muito. Andava por todo o país e era raro estar em casa. Mas quando estava era uma festa, especialmente para Marta que adorava a Tia.

Sabendo isso, a Avó arranjava maneira de as netas passarem uns tempos com ela.

Marta era mais velha, tinha 15 anos e dizia que queria ser como a Tia: Independente!

A Avó, agora com 78 anos, chamava-as de Rebeldes. Mas tinha muito orgulho nelas.

Quando se sentaram à mesa a Tia e Marta ainda traziam consigo restos da conversa lá de fora. Como Ilundi queria entrar na conversa, decidiu contar o conto que a avó lhe tinha contado.

Marta – Hoje as mulheres já não precisam de abóboras para mostrar que têm poder! Hoje as mulheres podem fazer tudo o que os homens fazem sem pedirem autorização!

Avó – Ai, ai, ai... O que eu tenho de ouvir! Hoje nada é como antigamente... Estão a estragar o nosso mundo... Agora há mulheres que querem ser homens e homens que querem ser mulheres... Anda tudo trocado, por isso há tanta desgraça...

Tia – Ó mãe, não diga isso! Há coisas boas hoje e havia coisas más antigamente, e eu acho que é muito bom as mulheres terem o mesmo direito que os homens de serem respeitadas, de fazerem as suas escolhas. Hoje as mulheres têm obrigação de participar activamente na sociedade onde vivem. Isso não quer dizer que elas queiram ser homens ou se recusem a cumprir as suas tarefas.

Ilundi, ou porque não queria ser esquecida no meio dessas discussões familiares intermináveis, ou porque queria provocar a irmã, ou porque não queria que a avó se zangasse, pediu:

Ilundi – Avó, conte lá uma história tradicional, daquelas do tipo “princesas e príncipes”, também temos de fazer uma desse tipo para o nosso trabalho da escola.

Marta – Que mania a tua de gostares desse tipo de contos! Mesmo no conto que a avó contou sobre a abóbora, diz que as mulheres não precisam de príncipes para terem o poder!

Avó – Não liges à tua irmã! Ela está numa idade difícil e com a mania de que pode mandar em tudo e todos! Espero que quando chegares à idade dela não tenhas as mesmas manias!

Nas histórias tradicionais, muitas vezes, é a inteligência que é recompensada. Vou contar um conto chamado:



O rapaz inteligente

Há muito, muito tempo, havia um rei que tinha uma filha muito bonita. Quando chegou a altura de casar, ele anunciou que só daria a filha em casamento ao pretendente que trouxesse uma coisa “que não acabava mais”.

Vários pretendentes vieram mas não conseguiram passar esta prova.

Um dia chegou um rapaz de calças e camisa rasgadas, sem sapatos e magro, que disse ao rei que trouxera uma coisa “que não acabava mais”.

O rei ficou curioso e não queria acreditar. Então o rapaz arranjou um buraco, colocou lá açúcar e algumas formigas. As formigas entravam e saíam do buraco e cada vez eram mais, e nunca acabavam com o passar dos dias, semanas e meses!

O rei teve de dar ao rapaz a sua filha em casamento!

Ilundi – Ah! É muito engraçado esse conto! E fez-me lembrar um outro conto muito divertido que a minha colega da escola recolheu. Chama-se:



O piripiri sacana

Um rei, que tinha uma filha muito linda, disse que só a daria em casamento ao pretendente que fosse suficientemente forte para comer piripiri sacana, aquele que queima muito, sem dizer “Chiiii”!

Vieram vários pretendentes mas todos diziam “chiiii”, pois não aguentavam tanto ardor.

Um dia chegou um moço que começou a comer o piripiri enquanto ia dizendo ao rei:

– Está a ver como eu aguento? Eu não sou daqueles que dizem “chiiii”

E o jovem foi repetindo a frase sempre que precisava de dizer “chiiii”. Repetiu-a várias vezes enquanto comia.

O rei estava admirado com a força do rapaz, sem se aperceber da sua esperteza. Assim, no fim, deu-lhe a sua filha em casamento!

Tia – Lembrei-me de outro sobre a esperteza! É um desses em que entram coelhos e elefantes...

Ilundi – Que bom! Conta Tia, que também precisamos de levar um em que entre o coelho!

Tia – Chama-se:

Afugentar o vento

O Elefante tinha uma filha verdadeiramente bonita e havia muitos que queriam casar com ela. No entanto, o elefante dizia:

– Só casa com a minha filha aquele que conseguir afugentar o vento, que anda a quebrar o meu milho.



Todos os que tentavam nada conseguiam, pois o vento é invisível e não se deixa afugentar!

Então, o coelho foi falar com o elefante e disse-lhe que era ele quem iria casar com a sua filha.

O elefante lembrou-lhe:

– Para isso acontecer você tem de afugentar o vento! O coelho respondeu:

– Estou certo de que hei-de casar com ela! Mas, para o conseguir, preciso que me entregue já a sua filha.

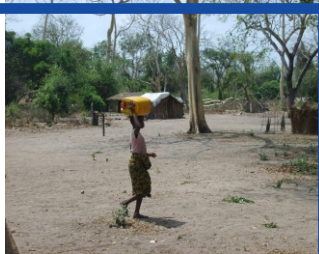
O elefante aceitou e o coelho levou a filha do elefante para casa.

No dia seguinte o coelho caçou uma perdiz, pediu que a filha do elefante a cozinhasse muito bem e com muito molho. Quando a perdiz estava bem cozinhada e com um cheirinho delicioso, o coelho disse-lhe:

Vai entregar a perdiz ao elefante teu pai. Diz que lhe envio como presente para ele comer. Mas, ele só pode comer a perdiz, não pode comer o molho. O molho, ele tem de espetar. Eu quero ver o molho espetado quando lá for daqui a dois dias.

A moça assim fez.

O elefante admirou-se: – Como se pode espetar o molho? O coelho deve estar doente! Ou talvez os seus antepassados tivessem algum segredo.



Dois dias depois o coelho apareceu e perguntou logo onde estava o molho espetado.

O elefante respondeu: – Onde é que se viu espetar molho?

E o coelho, calmamente, retorquiu: – Era com esse molho espetado que eu ia afugentar o vento!

Então, todos começaram a rir e o elefante teve de casar a sua filha com o coelho.

Ilundi – Que engraçado! E acho que a Marta não tem nada contra ele!

Marta – Hoje seria fácil tratar de desviar o vento das machambas. Eu aprendi na escola, que se devem criar barreiras de vento plantando árvores à volta da machamba. Só que as pessoas em vez de plantarem árvores, cortam-nas. Com isso estamos a desertificar o nosso país!

Avó – No meu tempo, havia árvores e jardins bem tratados e não havia tanto lixo por todo o lado... As pessoas preocupavam-se com a limpeza dos espaços onde viviam...

Ilundi – E no tempo da Tia, como era a cidade?

Tia – Este ainda é o meu tempo porque ainda não morri! Mas, na altura em que eu era criança não havia tanta gente nas cidades e por isso se fazia menos lixo... E agora, como a Marta diz, todos cortam as árvores e ninguém planta uma árvore. As árvores são preciosas para o ambiente: os solos, as águas, os animais e para toda a vida.

Avó – Dantes havia mais respeito pela natureza.

Tia – Mas a destruição e falta de respeito pelo ambiente não começaram hoje, já vem de há muitos anos. O problema é que, sabendo disso, ninguém liga e continuam a destruir...

E precisamos cada vez de mais madeira: há mais gente na escola, há mais escritórios e serviços de atendimento, há mais documentos... E em todo o lado é preciso mais papel, livros e cadernos. Também há mais pessoas a fazerem casas, que necessitam de mobília...

Ilundi – Por que é que vem tanta gente para a cidade? Por que as pessoas não ficam nas suas terras, a desenvolvê-las?

Tia – Muitas das pessoas, em todo o mundo, vêm para as cidades a fugirem das secas e outros desastres naturais, mas especialmente a fugirem das guerras.

Marta – As guerras sempre trazem muitas desgraças para todos.

Tia – Isso é verdade. As guerras só destroem.

Ilundi – Devia haver uma lei a proibir as guerras. Todas as guerras!

Tia – Seria bom! Mas depois não seria cumprida!

Lundi interrompeu o curso da conversa e, virando-se para a irmã, de forma a provocá-la.

Ilundi – E tu tens alguma coisa contra a esperteza de mandar espetar o molho?

Marta – Hoje seria muito fácil espetar o molho: bastava o rei ter um frigorífico e gelar o molho!

Ilundi – Ia derreter-se!

Marta – O rei só o tirava do frigorífico quando o coelho chegasse e espetava-o à frente dele!

Ilundi – Que mania tu tens de estragar os contos todos!

Avó – É bom reflectir sobre os contos. Eles são feitos para isso mesmo: para nós vermos o que eles nos podem ensinar! Mas nunca devemos pensar que são iguais à realidade. Por exemplo, os animais não falam e ao falarem nos contos estão a tentar dar-nos lições de vida.

Ilundi – Marta gosta muito de provocar. Mas afinal, Marta, tu gostaste dos contos dos “príncipes e princesas” e não arranjaste nada para falar contra eles!

Marta – Só fico contente de agora os pais não poderem dar as filhas em casamento ao primeiro que aparece!

Avó – Não era “ao primeiro que aparece”. Era uma coisa importante e os pais cuidavam para que as filhas e filhos casassem com quem deviam, e não com algum vadio ou vadia sem educação!

Tia – Às vezes os pais também se enganavam!

Marta – Eu preferiria não me casar a ter de casar com alguém que outros me indicassem!

Avó – E assim pode-te acontecer o que aconteceu à **Menina que se recusava casar**, provocou a avó e Ilundi quis logo saber o que acontecera àquela menina. A avó contou:



Menina que se recusava casar

Havia uma menina que sempre se recusava casar. Os jovens da aldeia queriam casar com ela, mas ela recusava todos. Ninguém, que a família escolhesse, lhe parecia bem.

Na verdade a menina queria encontrar o rapaz mais lindo do mundo.

Um dia ela viu um jovem lindo passar e meteu conversa, perguntou-lhe o nome. O rapaz disse que estava de passagem mas que queria casar com ela. Ela aceitou logo e foi informar a família, que matou logo um cabrito para ser comido pelo noivo.

Quando à noite se foram deitar o jovem não tirou a roupa: nem as calças, nem o casaco e nem os sapatos. Ao amanhecer a moça foi aquecer água para o jovem marido tomar banho, mas ele disse que nunca tomava banho em casa. Então abriu a sua mala, tirou de lá um sabão perfumado e foi lavar-se no rio.

Um certo dia, em que o estranho jovem se foi lavar no rio, o seu cunhado foi espreitá-lo. Então, viu que ele tinha uma grande chaga: viam-se todas as suas tripas.

Foi logo chamar a irmã para que ela visse como o marido estava a estragar a água que eles usavam para beber, com o sangue e infecção que saía da sua chaga. Além disso, o jovem e belo marido cantava assim:

– Estou a curar a minha chaga nestas águas limpas para beber, enquanto engano uma menina, como tu me mandaste, grande feiticeiro.

A menina, ao ver aquilo, ficou triste e magoada e expulsou o marido. Mal chegou a casa tirou para fora toda a sua roupa e a sua mala.

O jovem partiu e não tornou a ser visto.

Tia – Tens toda a razão, Marta! Eu também acho que uma pessoa só deve casar com quem escolhe, mesmo que seja uma escolha errada!

Avó – Minha filha, não queiras estar sempre a apoiar a tua sobrinha Marta. Isso não vai ser bom para ela quando tiver de casar! Se calhar vais ser uma tia como aquela que ofereceu à sua sobrinha...



O GATO MÁGICO

Uma jovem casou-se e, como prenda de casamento, a sua tia ofereceu-lhe um gato mágico. Ela levou o gato consigo para a casa dos sogros onde iria morar.

Todos os dias a jovem saía com o marido para a machamba, mas antes instruía o gato para arrumar a casa e fazer o almoço.

O marido andava admirado por a jovem esposa conseguir fazer tudo tão bem e depressa, pois os dois saíam da machamba juntos e em poucos minutos ela já tinha o almoço pronto para ser comido.

Um dia decidiu investigar. Deixou a esposa na machamba e voltou para casa onde apanhou o gato a fazer as coisas. Zangado matou o gato. Embrulhou-o numa das capulanas da esposa e colocou-o em cima da sua esteira.

Quando a jovem esposa voltou da machamba e viu que nada estava pronto, foi preparar o almoço e serviu-o. Depois de almoçar o marido foi-lhe mostrar o gato e mandou-a pegar nas suas coisas e voltar para casa.

Moral: não devemos usar a magia. Nem dar coisas mágicas.

Tia – Numa coisa a mãe tem razão: apoiar a minha sobrinha pode transformar-se numa “coisa mágica”, que ela poderá usar para se fazer respeitar como ser humano!

Marta – Acho que esse marido era muito estúpido. Matar um gato precioso como esse não faz sentido! Eu cá separava-me dele e nunca mais o queria ver na vida. Se fosse hoje e ele fosse esperto, o que de pior ele poderia fazer era vender o gato por uma fortuna!

Ilundi – Avó, eu também acho que isso foi uma coisa muito mal feita. Coitado do gato!

Marta – E ele só estava preocupado em cansar e sacrificar a mulher, para ela não ter tempo de pensar que podia ser mais e melhor que ele!

Tia – Lembrei-me de um outro conto do mesmo género, que confirma isso mesmo que estás a dizer, Marta! Chama-se:



As irmãs Aurimbana

Havia uma jovem muito bela mas muito preguiçosa. Um dia ela casou-se, mas antes de se mudar para casa dos sogros e do marido, pediu à mãe que lhe desse alguém que a ajudasse nos trabalhos. A mãe deu-lhe as irmãs Aurimbana.

A jovem escondeu as irmãs Aurimbana no mato e, sempre que precisava, cantava uma cantiga para chamá-las e elas vinham em seu auxílio.

A bela mulher todos os dias carregava com ela os instrumentos de trabalho: catana, machado, enxada e dirigia-se à machamba onde se sentava debaixo de uma árvore. Chamava as irmãs Aurimbana e entregava-lhes os instrumentos.

As irmãs Aurimbana começavam logo a trabalhar: destroncar, limpar, capinar, sachar, semear. Também eram elas que carregavam a água, cozinhavam, lavavam a roupa, limpavam a casa toda, varriam...

A família andava maravilhada com o trabalho da bela moça e de como ela era organizada.

Um dia, o irmão mais novo do marido da bela jovem decidiu segui-la durante todo o dia. Ficou a saber que a cunhada não fazia nada, nem mandava fazer, e que eram as irmãs Aurimbana que faziam tudo. Foi contar aos pais e ao irmão mais velho, mas ninguém acreditou nele, achando que ele estava era com inveja do irmão por ele ter arranjado uma tão bela esposa e tão trabalhadora.

Um dia a família teve de receber gente muito importante, e os sogros pediram à nora que pilasse uma grande quantidade de milho, e preparasse tudo para que a festa fosse um sucesso. Claro que tudo foi feito na perfeição, sem nenhum problema, pelas irmãs Aurimbana. Mas, durante a festa, foi preciso preparar mais comida e a sogra pediu à nora que fosse buscar o pilão, e ali mesmo pilasse mais amendoim.

A jovem foi buscar o pilão mas, como nunca tinha pilado, chamou as irmãs Aurimbana para que o viessem fazer.

Ao ver aquilo, os convidados começaram a desaparecer um a um, cheios de medo daquele feitiço.

Os sogros ficaram mal vistos e por isso muito zangados, juntaram tudo o que pertencia à moça preguiçosa e foram entregá-la em casa dos pais. Nunca mais a queriam ver.

Marta – Em vez de agradecerem a quem ajuda e torna a vida das mulheres mais fácil, as pessoas acham que as mulheres devem ser “escravas do trabalho” e cumprir as suas tarefas tradicionais! Tem de concordar comigo que é estupidez!

Tia – É verdade Marta! Já ouvi muitos contos destes, muito semelhantes uns aos outros e todos eles contra as mulheres que “não trabalham”, ou não cumprem as suas tarefas como a sociedade acha que devem ser cumpridas! Lembrei-me agora de um em que entra um crocodilo!

Ilundi – Conta tia! Conta!

Tia – Mas é um conto muito parecido com os outros...

Ilundi – Não faz mal. Eu gosto de contos. Conta tia! Por favor, conta!

Tia – Está bem. Chama-se:



A Troca

Uma vez, uma jovem senhora casada, que todos os dias tinha de ir ao rio buscar água, encontrou um crocodilo que lhe propôs:

–Eu não te faço mal, entrego-te um bom peixe e, em troca, tu trazes-me de tua casa, todos os dias, um pouco de bebida.

Como era o tempo da bebida, a jovem foi a casa buscar bebida e deu-a ao crocodilo. O crocodilo deu-lhe um bom peixe em troca.

Em casa todos andavam satisfeitos com os peixes arranjados pela jovem para as refeições diárias.

A jovem senhora não contou nada sobre o crocodilo. Gostava muito de receber os elogios e fingia que era ela quem pescava os peixes.



Só que, passou o tempo da bebida e o crocodilo não acreditou. Assim, exigiu seguir com a jovem senhora até sua casa para procurar ele a bebida. Quando a jovem chegou a casa acompanhada por um crocodilo, a família fugiu em pânico.

O crocodilo, calmamente, foi destapando todas as panelas e potes que havia pela casa e lambia os restos. Depois voltou ao rio convencido de que a jovem lhe tinha dito a verdade.

Quando o marido e os sogros voltaram a casa estavam muito zangados e nem quiseram ouvir a história contada pela jovem senhora. Obrigaram-na a fazer as malas e a regressar a casa dos seus pais.

Marta – Mais uma vez, não agradecem ao animal que ajuda, porque estão mais preocupados em castigar a mulher!

Ilundi – Mas Marta, este conto também é para mostrar que a mentira e a vaidade não compensam...

Avó – A tua irmã não quer ver nada! Agora anda só preocupada com “os direitos das mulheres”... Um dia vai-lhe acontecer o que aconteceu à menina teimosa!

Menina Teimosa

Havia uma menina muito teimosa que nunca queria ouvir os pais. Então, entregou-se ao primeiro rapaz de quem gostou.

Saiu da casa dos pais e levou o irmão mais novo.



Em casa do marido o irmão andava desconfiado. Um dia, seguiu o cunhado quando este foi à caça e descobriu que ele começava a dançar e cantava uma cantiga em que dizia:

– “Vou-te comer, vou-te comer” e transformava-se em leão.

Então comia. Quando estava satisfeito voltava a transformar-se em pessoa e voltava a casa.

O irmão contou à irmã mas ela não acreditou. Assim, o menino, no dia seguinte, quando o marido da irmã chegou começou a cantar aquela cantiga:

–Vou-te comer, vou-te comer. - O cunhado transformou-se automaticamente em leão.

A moça ao ver aquilo assustou-se, pegou no irmão e fugiu dali. Deixou o marido e voltou para casa dos pais.

Marta – Avó, eu não entendo por que é que ela se assustou! O homem leão não lhe fez mal nenhum! Só comia outros animais... São umas medricas essas mulheres do antigamente!

Ilundi – Um dia o leão tinha falta de comida e ia comê-la a ela e ao irmão!

Marta – Como é que sabes? Se calhar no tempo de fome o leão iria arranjar comida para eles comerem! Isso é discriminação contra as pessoas diferentes!

Tia – Tens toda a razão! Os contos tradicionais, na sua maioria, são feitos para que as pessoas tenham medo do que não compreendem, daquilo que é diferente, do desconhecido! E isso aparece sempre sob a capa de um espírito mau, de uma feiticeira ou feiticeiro, de uma pessoa “mágica” que se transforma num outro ser.

Ilundi – O que eu gostei no conto foi ser uma criança mais pequena quem ajuda os mais velhos! A Avó conhece outra história em que as crianças é que ajudam os mais velhos?

Avó – Há muitas... Agora não estou a lembrar-me de nenhuma... Deixa ver...

Marta – Há uma que a prima Lina me contou uma vez. A mim parece-me um conto muito pateta e que mostra bem como, na cultura tradicional, muitos acham que o principal papel das mulheres é o de satisfazer os homens...

Avó – Isso é muito forte! Há muitas sociedades tradicionais e homens que respeitam muito mais as mulheres do que muitas sociedades e homens de hoje.

Tia – Em todos os tempos houve sociedades que respeitaram as mulheres e as que as desrespeitavam. Assim como em todos os tempos houve mulheres que souberam fazer-se respeitar pelas sociedades onde viviam, mesmo sendo “diferentes” e não cumprindo as “tarefas” que deveriam ter, de acordo com as tradições. Essas são mulheres que fizeram história! E ainda hoje são admiradas por todos nós!



Ilundi – Marta, conta lá o conto pateta, que fiquei curiosa!

Marta – Vou contar! E tu vais gostar porque sempre adoras contos patetas! Chama-se:



A irmãzinha

Havia um homem que esteve casado com uma mulher que fazia tudo o que ele desejava, mas ela faleceu e ficou só a irmãzinha dela, que era pequena.

Entretanto, o homem casou com outra mulher, mas esta não conseguia satisfazê-lo como a primeira e, assim, ele não andava contente com ela.

A mulher, preocupada, chamou a irmãzinha e perguntou-lhe:

O que hei-de fazer para satisfazer o meu marido, o teu cunhado, como a tua falecida irmã e mulher dele, o fazia?

A irmãzinha explicou:

– Você deve preparar massa, pegue na água e deite lá dentro farinha de mapira, depois ponha tudo debaixo da cama onde dorme. Ao acordar entregue-lhe tudo e vai ver como ele se vai comportar.

A mulher assim fez e, no dia seguinte, o homem exclamou contente:

– A minha esposa regressou! E a partir dessa altura entenderam-se bem!

Ilundi – Para mim, o conto mostra como as mulheres são espertas e os homens são estúpidos!

Avó – E eu, concordo com a Ilundi!

Mas nem a Tia, nem a Marta, pareceram ouvir. Sempre que ela dizia uma coisa que lhe parecia Inteligente, a Marta fazia de conta que nem ouvia.

Bem podia não ser o caso desta vez, pois as duas conversavam sobre o direito das mulheres, dos homens e de cada um de nós sermos diferentes um dos outros, acreditarmos em coisas diferentes e fazermos qualquer coisa de uma forma diferente. Qualquer coisa do género.

A avó estava a remoer pensamentos enquanto roía um biscoito. Ilundi sentia-se de fora. A conversa estava a ficar muito diferente daquela que imaginara. Queria um lanche cheio de contos para fazer o seu trabalho, para que ela e as colegas fossem invejadas na escola. Ninguém tinha uma avó como a dela, que sabia tantos contos e gostava de os contar. Além disso, ela queria ser o centro das atenções e gostava de provocar a irmã!

Ilundi – As minhas colegas dizem que há muitos contos que falam de fantasmas e espíritos. A avó lembra-se de algum conto em que entrem espíritos ou fantasmas

Avó – Há muitos... Deixa ver... Hummm... Lembrei-me agora de um chamado “**casamento com fantasmas**”, que é um conto para criticar as jovens que não querem casar e gostam muito de mudar de namorados!

Casamento com fantasmas

Numa aldeia havia duas jovens raparigas muito bonitas e amigas. As duas divertiam-se a namorar os moços da aldeia, mas com nenhum queriam casar.



Um dia, quando foram tomar banho no rio, encontraram dois rapazes muito bonitos que nunca tinham visto antes. Sorriam-les e eles convidaram-nas a passear e a irem visitar a sua aldeia, que era perto. As meninas aceitaram de bom grado.

O dia passou depressa e divertido.

Enquanto andavam, os rapazes contavam maravilhas sobre o local onde viviam e sobre os seus familiares.

Chegaram a um local, já noite, onde os moços pararam, pediram para que esperassem ali porque tinham de pedir autorização para entrarem na aldeia. Explicaram que isso só podia acontecer entoando uma canção que iriam cantar.

Quando os rapazes acabaram de cantar, apareceu um grande clarão e uma porta abriu-se para os rapazes passarem.

As raparigas ficaram à espera. Adormeceram de cansaço.

Quando amanheceu e olharam à sua volta, descobriram que estavam num cemitério e que as tais portas por onde os rapazes tinham desaparecido não eram mais que campas do cemitério.

Cheias de medo, vendo que tinham sido enganadas por fantasmas, as duas fugiram dali.

Tia – Eu sabia uma, mas era uma mulher fantasma que levava o homem e o enganava! Mas acho que esses contos são muito raros e que o “normal” são os contos dos homens fantasmas que enganam as mulheres!

Marta – Também não sei por que hão-de as pessoas ter medo dos espíritos e fantasmas! Pelos vistos estes não lhes fizeram mal nenhum! E se calhar eram alguns amigos dos amigos delas que fingiram aquilo para as assustar, para que elas ficassem mais disciplinadas e casassem com eles!

A avó sorriu e a tia riu-se muito, e disse:

Tia – Se calhar tens razão! Faziam muito disso antigamente: meter medo às mulheres e às crianças!

Ilundi – Eu cá não havia de gostar nada de saber que tinha andado a conversar com mortos!

Marta – Só falas com eles se tu acreditares que eles te vão falar! Se não acreditares eles não te vão falar. Isto foi o que a minha professora me explicou. Ela diz que a nossa cabeça é que inventa muitas coisas e, como a nossa imaginação é fantástica, tornamos realidade o que inventamos. Uma coisa assim!

Tia – Gostei da filosofia dessa tua professora! Só é pena que, com tanta capacidade que a gente tem de criar coisas bonitas, andemos sempre a criar coisas feias...

Ilundi – Eu não gosto de brincar com mortos... Nem gosto de pensar que me podem aparecer... Ó avó, há algum conto que diga o que temos de fazer para os mortos não andarem a falar connosco.

Avó – Não sei! Mas acho que os mortos não querem, e não podem, fazer mal aos vivos. Há contos sobre satisfazer o último desejo das pessoas que vão morrer para elas poderem descansar em paz... Lembrei-me de um que se chama precisamente:

O último desejo da mãe



Um dia a mãe sentiu que estava prestes a morrer, depois de uma prolongada doença. Chamou os seus filhos e pediu-lhes:

– Meus filhos, quando chegar a minha morte, vocês vão sepultar-me debaixo daquela árvore onde eu gostava de descansar quando vinha da machamba.

Os filhos prometeram assim fazer.

Acontece que o marido estava fora e a morte da mãe coincidiu com o regresso do marido, e pai dos seus filhos.

O marido e pai achou que não tinha sentido sepultar a mulher e mãe dos seus filhos debaixo de uma árvore qualquer. Recusou-se a cumprir a promessa feita pelos filhos à mãe e decidiu realizar o enterro da esposa no cemitério onde a família enterrava os seus mortos. Toda a família aprovou a decisão do marido, e os filhos, sem poder para defenderem o desejo da mãe, não tiveram outro remédio senão seguir as formalidades normais.

Feito o enterro, na tarde do mesmo dia, algumas pessoas que passavam pelo cemitério ouviram uma canção de lamento, vinda da campa da falecida. Foram a correr comunicar aos familiares e amigos.

Assustados e muito perturbados, os familiares decidiram remover o corpo da mãe e dar-lhe uma nova sepultura, no preciso local que ela tinha escolhido para ser enterrada.

Apartir dessa altura, para alegria dos filhos, a mãe descansou em paz!

Ilundi – Eu acho que nunca deveríamos contrariar os desejos de uma pessoa que está a morrer.

Marta – Ainda bem que a mulher, neste conto, teve maneira de fazer valer os seus direitos de escolha! Geralmente, na nossa sociedade, pelo que ouvimos, as mulheres ficam sempre sem nada.

A Avó conhece, por exemplo, algum conto sobre o casamento no qual quando o casal se separa ou o marido morre, os direitos da mulher são preservados?

Avó – Por caso sei! Chama-se ***Dar à luz***

Uma vez, um homem solteiro encontrou uma mulher solteira. Simpatizaram um com o outro e juntaram-se. O homem levou a mulher para a sua casa. O homem tinha um bode e a mulher levou a sua cabra com ela para lá.



Passado algum tempo, começaram a nascer cabritinhos. Mas o casal começou a ter desavenças e então decidiram separar-se.

A mulher pegou na sua cabra e quis levar metade dos cabritinhos com ela, mas o homem não deixou. Dizia ele: Tu só tinhas uma cabra quando vieste viver comigo. Então levas só a cabra que te pertence.

Mas a mulher argumentou: –Tu só tinhas um bode quando nos juntámos.

No entanto o homem afirmou: – Quem produz filhos é o homem, nunca a mulher.

A mulher, zangada, foi fazer queixa à autoridade da terra e marcou-se a resolução do problema para o dia seguinte, à tarde.

Quando expuseram o problema, o chefe local levantou-se e disse: – Desculpem, temos de adiar a reunião. Eu agora preciso de ir à machamba informar a minha mulher, que o seu pai já deu à luz um bebé.

O homem admirado perguntou:
Como é possível? Onde já se viu um homem dar à luz uma criança?

–Então, não és tu que estás a impedir a tua mulher de levar os cabritos dizendo que só os homens podem dar filhos e não as mulheres?

O homem envergonhado calou-se e, chegando a casa, dividiram os cabritinhos entre os dois.

Marta – As pessoas nunca mais aprendem a partilhar. A Avó conhece alguma história que nos ensine que temos de partilhar, e dividir com os outros, as coisas que temos?

Avó – Há um conto chamado **a avezinha**, mas é mais à cerca do que pode acontecer se formos invejosos e não quisermos partilhar com os outros:



A avezinha

Uma mulher saiu para o rio para lavar o seu milho. Depois de lavar o milho pô-lo a secar perto dela, enquanto limpava a peneira. Então apareceu uma avezinha de rabo comprido que parou e bicou um milho.

A mulher, pegou imediatamente numa pedra e lançou-a para a avezinha. A pedra não acertou na avezinha, mas estragou alguns grãos de milho.

Acabando de limpar a peneira a mulher colocou o milho dentro dela e foi buscar água. A avezinha voltou e pousou no cerco da peneira. A mulher, ao vê-la, tornou a pegar numa pedra e lançou-a. Também desta vez não acertou na avezinha, mas a pedra desfez o cerco da peneira e espalhou o milho.

A mulher tornou a juntar o milho e, enquanto o fazia, a avezinha pousou na beira da lata com água para beber. Furiosa a mulher pegou noutra pedra que atirou à ave. Desta vez a pedra bateu na lata e entornou a água.

Depois de muitas idas e vindas a mulher conseguiu recolher a água e o milho e regressar a casa. Mas a avezinha perseguiu-a até a casa. A mulher já estava tão furiosa que pegou em fogo com a intenção de queimar a avezinha e acabou queimando a casa completamente, enquanto a avezinha fugia.

Ilundi – Oh! Esse conto serve muito bem para mostrar como nós perdemos tudo se não dividirmos o que temos com os outros! Gostei muito!

Avó – Na natureza as coisas não têm só uma tarefa! Todos se entreejam e quando “cumprem a sua função”, simultaneamente, fazem outras tarefas! No nosso mundo todos precisamos uns dos outros. Por exemplo: o vento ajuda a semear e a varrer os caminhos, a secar a roupa, a refrescar e também canta!

Marta – A flor prepara o fruto que alimenta mas também espalha o seu perfume, mesmo nos locais mais sujos! A árvore dá madeira e sombra mas também é casa de muitos animais!

Tia – O sapo come, mas ao comer protege as plantas e outros animais dos insectos que lhes são prejudiciais!

Avó – O barro garante o solo firme mas com ele também fazem objectos necessários às pessoas: telhas, tijolos, potes...

Tia – E nós, tal como a natureza, não devemos simplesmente “cumprir as nossas obrigações”, pois é quando nós fazemos “algo mais” que o nosso mundo se transforma e evolui!

“Aí vem outra discussão!” – Pensou a Ilundi... Mas, sem dar por isso, tinha pensado alto pois a irmã olhou para ela com aqueles seus olhos críticos e disse:

Marta – Eu gosto de discutir! Acho que só assim vou conseguir abrir a tua cabeça para veres que as meninas e as mulheres têm os mesmos direitos e deveres que os meninos e os homens! E deixares de pensar, como os de antigamente, que as mulheres só são mulheres quando casam e têm muitos filhos!

Avó – Mas as mulheres foram feitas para terem filhos e casarem!

Marta – Eu quero ser diferente!

Tia – Antigamente, as mulheres que eram diferentes, ou porque não trabalhavam como devia ser, ou porque não tinham filhos, eram consideradas feiticeiras... E isto ainda acontece. Há uns tempos falaram nas notícias de uma velha que tinha sido morta, acusada de ser feiticeira.

Ilundi – Isso é muito triste... Pobre velha...

Avó – Sim, isso é muito triste porque muitas vezes é mentira e as pessoas matam outras só por não gostarem delas, por inveja, por questões económicas, já que os velhos são um peso por não poderem trabalhar...

Marta – Então a avó tem de concordar comigo que é preciso acabar com essas discriminações contra as mulheres, as raparigas, as velhas!

Tia – E contra todos os que são diferentes. Seja porque têm uma cor diferente, ou sejam de uma raça ou tribo diferente, de outra nacionalidade, ou porque tenham qualquer deficiência, ou problema em se expressarem, ou porque sigam uma religião diferente... Seja o que for, ninguém deve ser discriminado. Todos os seres humanos devem ser respeitados.

Avó – Eu acho que hoje os valores estão todos trocados e que antigamente as pessoas sabiam receber melhor as diferenças, eram mais tolerantes. Também eram mais educadas e gostavam mais de se sentarem e conversarem umas com as outras. Também eram menos desconfiadas...

Tia – Não sei! Nos contos e na história real do mundo não é isso que se mostra. Sempre houve guerras e assassinatos. Não foi só aqui, ou em África, mas em todo o mundo

Marta – Dá um exemplo, Tia.

Tia – Na Europa, no tempo da Inquisição, queimaram-se em fogueiras muitas mulheres e homens só porque essas pessoas pensavam de outra forma, ou foram denunciadas por outras que não gostavam delas. Mas isto foi lá para o ano de 1500. Mais recentemente, na América, que todos nós pensamos sempre ser um país que vela pela liberdade de cada um, em 1950, houve a perseguição dos que acreditavam, ou simpatizavam, com o comunismo. Eles copiaram os da Inquisição e prenderam muita gente e condenaram-nos à morte. Houve muitos artistas que conseguiram fugir. Além disso, prendiam e perseguiram também os homossexuais e os negros. E o que mais há neste mundo são guerras entre pessoas por serem de uma tribo diferente, por terem uma cor diferente, por acreditarem num deus diferente... Os outros, sejam eles quem forem e façam o que fizerem, são sempre os maus!

Antes que esta conversa não acabasse mais e se desviasse do seu objectivo principal – os contos tradicionais – Ilundi aproveitou a tia estar a pensar para perguntar:

Ilundi – Avó, conhece algum conto desses antigos sobre feiticeiras?

Avó – Aqui está um de que me lembrei:



A Feiticeira

Numa aldeia havia uma velha que todos suspeitavam que era uma feiticeira. Diziam que ela comandava as cobras daquela região.

Um dia apareceu na aldeia uma grande serpente e todos saíram para a apanhar e matar. Um dos vizinhos ainda conseguiu atirar-lhe com um pau e bater-lhe, mas a serpente fugiu e desapareceu. Ninguém mais a conseguiu encontrar.



As pessoas da aldeia, muito zangadas, foram buscar a velha e disseram-lhe:

– Nós estamos todos cansados de tantas cobras. Se não nos mostrar onde está escondida a serpente para a podermos matar, nós vamos é matar a senhora.

A velha dizia que não era feiticeira e nem conhecia esses feitiços, mas como não acreditavam, levaram a velha até ao chefe. A velha continuou a negar.

Então, um jovem disse: – Por favor, peço que deixem a velha sossegada, ela hoje levou com um pau, já apanhou o suficiente.

A velha, sensibilizada, respondeu: – Obrigado sobrinho, é verdade, hoje já me bateram uma vez e se me baterem de novo eu vou morrer.

Assim as pessoas ficaram a saber que a velha era a serpente, bateram-lhe com um pau de novo e ela morreu.

Marta – Esse conto é violento. Por um lado as cobras são úteis: comem ratos e isso quer dizer que defendem as colheitas e a comida armazenada. Por outro lado: até uma feiticeira tem direito à vida, mesmo que se transforme em serpente!

Ilundi – Mas há cobras venenosas. Eu não gosto de cobras!

Marta – Eu também não vou abraçar as cobras! Mas isso não quer dizer que eu não as respeite e não saiba que elas são seres úteis e não devem ser mortas de qualquer maneira.

Tia – Sabias que as queimadas matam as cobras, que não têm pernas para fugir, mas deixam os ratos. Assim, o número de ratos aumenta porque não são comidos. Depois vão comer a nossa comida. Mas o maior problema é que o rato tem uma pulga que quando passa para as pessoas provoca a “peste bubónica”, que no nosso país, e em África, ainda mata muita gente.

Ilundi não gostava de falar de doenças. Ela achava que havia muitas doenças à sua volta. Estava mesmo a ver que, daqui a pouco, iriam falar do SIDA e do HIV. Ela nem sabia porque a Tia ainda não tinha arranjado maneira de falar sobre o assunto. Era um tema que ela não esquecia nunca e dizia sempre que nunca era de mais repetir, e que quanto mais as pessoas pensassem como podiam evitar este vírus, melhor se defenderiam dele. Para evitar uma nova conversa sobre isso, Ilundi perguntou à avó:

Ilundi – A avó acha que no seu tempo havia mais violência, ou o nosso tempo é mais violento?

Avó – Agora é que tudo está muito mais violento do que nestas histórias que se contavam! Agora todos se matam uns aos outros... A vida não tem valor e há cada vez mais guerras, mais pobreza, mais desgraças no nosso mundo... No meu tempo não havia violência doméstica e os bandidos não tinham armas a disparar para as pessoas inocentes... Nós dormíamos de porta aberta porque sabíamos que ninguém nos iria atacar... Agora: são muros altos e grades por todo o lado e, mesmo assim, há todos os dias roubos e assaltos.

Tia – Ó mãe, é preciso lembrar que na altura em que eu era criança - e isto é mais recente do que quando a mãe era criança! - não se falava de muita coisa, eram assuntos “secretos” de cada família, por isso a violência doméstica não era conhecida... Também ninguém estava muito informado sobre os direitos das mulheres e das crianças e, por isso, era “natural” que o “chefe da casa” batesse nelas! Hoje, todos nós conhecemos, ou deveríamos conhecer, esses direitos e temos a obrigação de os defender e divulgar!

Avó – No meu tempo, não havia drogados nem vadios, cada um sabia as suas tarefas e cumpria-as. Os filhos respeitavam os pais e faziam o que eles diziam...

Marta – Acho que não era bem assim, avó! Pelo que eu ouvi, houve sempre, em todos os tempos, filhos que desobedeceram aos pais!

Tia – Também é preciso ver que na altura em que eu era criança, não havia tanta informação a atacar-nos todos os dias com as desgraças que acontecem no mundo, por isso talvez não soubéssemos de muita coisa que acontecia...

Avó – Mas não era como hoje. Hoje os jovens são muito mais indisciplinados e não obedecem a ninguém!

Ilundi sabia que a avó estava a provocar a Tia e a Marta. Mas, ao olhar a irmã, viu no seu rosto aquele trejeito que ela fazia quando ficava muito nervosa. Pensou que aquilo ia dar muita discussão e que a irmã iria enervar-se e chorar, ou ser malcriada com a avó. Não havia dia que a Marta e a Tia não arranjassem maneira de discutir com a Avó.

Ilundi não gostava nada, mas a Avó até parecia divertida com estas discussões e, por vezes, até parecia que as procurava. Ilundi já estava a desesperar e, por isso, não perdeu tempo e lançou:

Ilundi – Avó conta-nos uma história dessas de antigamente, sobre a obediência dos filhos!

Como sempre, a avó aproveitou a deixa e começou logo um novo conto.

Avó – Está bem. Vou contar

O passarinho mágico

Um casal de camponeses tinha um filho. Quando chegou a altura de o casar arranjaram uma noiva para ele. Mas o filho não gostou e foi procurar uma outra moça.



Os pais não ficaram satisfeitos. Assim, quando a moça colocou a comida no fogo a cozer, eles mandaram-na ao rio para ir buscar água.

Quando chegou ao rio um passarinho mágico começou a cantar. Era um canto tão bonito que a moça se distraiu e ouvi-lo e esqueceu-se de voltar. Quando voltou, a comida estava queimada. Os pais falaram com o filho que enviou a moça de volta a casa dos pais dela.

Escolheu outra moça e o mesmo aconteceu. De novo ele teve de enviar a moça para casa dos pais. Assim, o filho aceitou casar-se com a moça escolhida pelos pais. Ela, ao ir ao rio, não se esqueceu de voltar, mesmo com o passarinho mágico a cantar. Voltou e a comida estava bem cozinhada, foi servida e todos comeram e gostaram muito.

Os pais ficaram felizes! Tinham escolhido a moça certa para o seu filho. Uma moça que não se distraía e trabalhava bem.

Marta – Mas, avó, esse conto é contra o amor e a poesia! O conto diz que os pais ficaram felizes, mas não diz se o filho estava feliz e se a nova moça era feliz...

Avó – Não exagere, Marta! Para os antigos, o amor significava respeito. Respeito é o que nos falta agora! Claro que o filho estava feliz, pelo menos comia bem! E a rapariga cumpria as suas obrigações de mulher casada.

Tia – Mas, antigamente, havia muitos casamentos infelizes, eu sei! Nem tudo era bom nesse sistema de os pais escolherem com quem deveriam os filhos e filhas casar.

Marta – Além disso, este conto é contra os direitos das mulheres e dos homens fazerem as suas escolhas.

Avó – Este conto mostra-nos como os mais velhos sabem melhor o que convém aos mais novos e como estes os deveriam ouvir e obedecer. Agora, encham as vossas cabeças com essas coisas de independência e de direitos e esquecem-se de ensinar o respeito que vocês devem ter para com as outras pessoas. É por isso que há tantos divórcios e separações. Como o conto mostra, os jovens não sabem escolher bem!

Sem dar um segundo para que Marta ou a Tia tivessem tempo de responder, ou mesmo pensar sobre o assunto, Ilundi já estava a perguntar:

Ilundi – Avó, não há contos tradicionais sobre o amor verdadeiro?

Avó – Há, sim senhor! E vou contar-te um de que eu gosto muito e é muito poético. Chama-se: **A Menina Bonita**. É sobre como é melhor explicar

A Menina Bonita



Havia um senhor que tinha uma filha muito bonita com quem todos queriam casar. Mas ele sempre exigia em troca, que o pretendente, antes de casar, tomasse conta da sua machamba e da cultura até chegar o tempo de recolha dos produtos.

A sua machamba era permanentemente atacada por um bando de macacos e a maior parte dos pretendentes fugia e desistia. Mas um dia, houve um jovem que conseguiu ficar a guardar a machamba e tiveram uma colheita muito boa.

Então o pai disse que o jovem teria de primeiro encher um tambor de água. E furou o tambor de água para que o jovem nunca o conseguisse encher. No entanto, a filha, que gostava do moço, arranjou maneira de trocar o tambor por um igual, sem o pai ver. Assim, o jovem encheu o tambor com a maior facilidade.

A filha disse ao jovem que o melhor era fugirem porque o seu pai iria inventar mais provas, pois nunca iria permitir que ela se casasse.

O jovem concordou e prepararam tudo para fugirem. Quando estavam para partir a mãe da menina bonita foi atrás deles e disse ao moço: - Eu sei que vocês vão fugir, mas quero avisá-lo que a minha filha, que eu amo muito, não pode trabalhar. Se a fizerem trabalhar, ela vai desaparecer e no seu lugar vai aparecer uma flor. Assim, vai perder a sua esposa e eu a minha filha.

O genro prometeu cuidar para que a jovem nunca trabalhasse. Mas ao chegar a casa dos pais estes começaram a zangar-se por ele ter casado com uma moça que não trabalhava e ficava sempre no quarto.

Tanto falaram, tanto se zangaram que, um dia, o moço pediu que a esposa fosse pilar, só para não ouvir mais a sua mãe.

A jovem, delicadamente e por amor ao moço com quem casara, começou a pilar e aos poucos foi desaparecendo. Passado pouco tempo tinha desaparecido completamente e no lugar onde tinha estado caiu o pau de pilão e apareceu uma flor.

O marido, ao ver aquilo, arrependeu-se, chorou e pediu à flor que lhe perdoasse.



Marta – Ó avó, esse é um conto bonito! Mas só me vem dar razão: na tradição a mulher só serve para trabalhar e ter filhos, se não fizer isso... morre, matam-na, expulsam-na, maltratam-na!

Tia – Eu também gosto muito deste conto, especialmente porque a vossa avó contava-o para mim e a Menina Bonita tinha o meu nome!

Marta – Mas a Tia trabalha tanto e não desaparece! E, pelo que sei, sempre trabalhou muito, mesmo enquanto era estudante!

Tia – É verdade, mas a tua avó contava, referindo-se aos trabalhos da casa! Esses trabalhos, eu nunca gostei de fazer nem de a ajudar! Felizmente a vossa mãe era como a llundi e adorava fazê-los! Até o meu irmão e vosso tio, a ajudava a lavar a louça, a pôr a mesa, e aprendeu a cozinhar, mas eu detestava! Então a vossa avó dizia que se um dia eu fizesse uma coisa em casa iria “desaparecer” como a menina bonita!

Avó – Isso é verdade! Acho que a vossa Tia na cozinha só sabe fritar ovos! Uma desgraça de mulher!

Ilundi – Quer dizer que se a Tia vivesse no antigamente, ou morria ou era devolvida aos pais... ou então era castigada por uns ou por outros, o que seria bem pior.

Tia – Concordo! Também é verdade que muitas das desgraças que antes aconteciam nem se sabiam, porque eram escondidas. E a desobediência também era castigada de forma desumana. Eu lembrei-me dum conto que me contaram e que sempre me arrepiou por ser muito cruel. Chama-se:



Castigo Merecido

Um casal tinha duas filhas e uma grande machamba onde plantavam batata-doce. Um dia tiveram os dois de sair. Antes avisaram as filhas que não deveriam ir arrancar batata-doce, nem comê-la enquanto eles estivessem fora.

As duas filhas, a certa altura, ficaram com fome e a mais velha decidiu que deviam ir à machamba arrancar algumas batatas, e cozinhá-las e comê-las. Avisou a irmã que quando os pais voltassem, por mais que eles lhes batessem, elas deveriam negar terem sido elas a arrancar as batatas. Cozinharam e comeram as batatas, e ficaram satisfeitas.

Quando os pais, ao regressarem, foram à machamba e viram que algumas das batatas tinha sido arrancadas, pegaram nas filhas e, zangados, começaram a bater-lhes. As filhas negavam, mas eles não acreditavam. A mais nova não aguentou mais, e contou o que se passara, dizendo que a irmã mais velha é que tivera a ideia...

Os pais pegaram na irmã mais velha, meteram-na dentro do pilão e pilaram-na. Quando ela estava toda desfeita deitaram-na no rio para ser comida pelos peixes.

Isto é o que acontece quando não obedecemos às ordens dos superiores.

Ilundi – Que conto mais horrível... Este conto é contra todos os direitos das crianças. Os pais são uns assassinos, deveriam ficar presos para toda a vida.

Marta – Tia, esse conto representa a cultura moçambicana ou africana?

Avó – Tu não exageres, Marta! Para os antigos, é verdade que o castigo era uma coisa séria: os desobedientes, os que iam contra as tradições, tinham um castigo que se acreditava ser merecido. Mas no meu tempo o castigo já não era o assassinato.

Tia – Talvez na sociedade em que a mãe vivia. Mas ainda hoje, em muitos locais e sociedades, o castigo é a morte... Ainda ouvimos, há relativamente poucos anos, aquela notícia de uma tia que queimou a sobrinha pequenina, de 6 anos, porque ela não obedecia. E estou a pensar em algumas sociedades, que ainda hoje assumem esses castigos cruéis, especialmente contra as mulheres, como tradição válida, muitas vezes com a desculpa de que é o deus da sua religião que assim o exige...

Marta – Na Bíblia também há um pai que vai matar um filho para obedecer às ordens de Deus. Aqui Deus é o “superior” a quem se deve obedecer sem discutir...

Avó – Marta, não começa a meter religião. Religião é uma coisa muito séria para misturares com histórias tradicionais. Não é para discutir aqui. Além disso, se começamos uma discussão religiosa, eu e a tua tia vamos zangar. Nunca concordamos nesse ponto.

Marta – Mas é um bom exemplo de como não devemos simplesmente obedecer sem pensar, a qualquer ordem que nos seja dada. Isso só traz mais desgraças e guerras e infelicidade... Por exemplo, vimos como quando um chefe manda matar outros, porque têm uma religião, ou cultura, ou língua, ou opinião política diferente, há muitos, a maioria, que matam sem parar para pensarem. Penso que é por isso que há tantas guerras sem sentido no nosso mundo.

Tia – Por outro lado, muitas vezes, não é o “respeito pelos mais velhos”, mas o medo do que eles, a sociedade e a comunidade, poderiam fazer caso não se obedecesse, que faz com que as pessoas obedeçam às ordens dadas pelos chefes, sejam eles quem forem...

Ilundi, vendo que a discussão começava a aquecer, decidiu desviar a conversa de novo. Assim, fingindo que estava distraída, interrompeu a tia para perguntar:

Ilundi – Avó, sabe algum conto sobre a poligamia? Este é também um dos temas sugeridos pela professora.

A avó, que não gostava do curso destas conversas com a filha, especialmente em frente das netas, agarrou logo a oportunidade para a discussão ficar por ali:

Avó – Vou contar um sobre

O Coelho e o Morcego

O coelho tinha duas mulheres. Um dia, quando foi visitar a segunda mulher, o morcego apareceu na casa da primeira mulher.



O morcego perguntou pelo coelho e a primeira mulher do coelho explicou-lhe que ele tinha ido visitar a segunda mulher. Então, o morcego começou a meter-se com ela e a certa altura perguntou-lhe:

– Mas porque é que se interessa tanto pelo coelho? Se me amasse iria ver coisas como nunca viu antes, coisas bonitas! Coisas do céu, que eu sou o rei do céu. Tenha coragem! Venha experimentar um bocado do meu céu!

A mulher acreditou e foi com o morcego.

Quando o coelho chegou ficou a saber do problema. Todos falavam de como o morcego era especialista em estragar lares. Assim, o coelho, após pensar dois dias, decidiu separar-se da mulher e deixar que ela casasse com o morcego.

As pessoas todas se admiraram com esta atitude do coelho.

Passado 8 dias, o morcego olhou para a mulher e foi dizendo:
– Eu sou um malandro, sou conhecido assim em toda a parte. Não sei ficar casado, e tenho de partir. Vou deixar-te.

A mulher ficou e o morcego partiu sem ter casado com ela.

O coelho, quando ouviu que o morcego tinha largado a sua primeira mulher, foi procurá-la. Conseguiu convencê-la a voltar para casa e assim os dois juntaram-se de novo.

Entretanto, o morcego continuou a cantar:

– Eu, o morcego, sou um malandro, é esse o meu nome!

Tia – Mas tenho de avisar as minhas sobrinhas: são raríssimos os maridos tão compreensivos como o coelho deste conto! E muitos contos são sobre a inveja entre as mulheres casadas com um polígamo. Lembrei-me de um agora:



A Mulher Ciumenta

Um homem, que trabalhava nas minas, tinha duas mulheres. Ele sempre enviava presentes para as duas, mas a mais nova sentia ciúmes porque pensava que o marido gostava mais da mulher mais velha e que lhe enviava melhores presentes.

Um dia, quando a mais velha foi viajar, ela fez um buraco e colocou uma esteira por cima. Então, quando a mais velha chegou, convidou-a a sentar-se naquela esteira. Ao sentar-se a mais velha caiu no buraco. A mais nova matou-a e tapou-a com terra.

Quando o marido chegou, a filha contou-lhe o que tinha visto. Então o marido enviou a mulher mais nova a casa dela convidar a família para visitarem. Enquanto ela foi, o marido desenterrou a mulher mais velha, lavou-a, vestiu-a, e colocou-a no quarto.

Quando a mulher mais nova e os pais chegaram, o marido foi-lhes mostrar o que ela tinha feito. E disse que não a queria mais ali e a devolveu a casa dos pais para sempre.



Marta – Ela devia ser presa! Era uma assassina. Eu não percebo essa coisa de ciúmes por causa de um homem – ou dum homem por causa duma mulher. Eu acredito que ninguém pertence a ninguém porque as pessoas não são propriedade de outras pessoas. E uma pessoa pode gostar de várias pessoas ao mesmo tempo. Porque é que tem de gostar só de uma?

Avó – Então, tu concordas com a poligamia?!

Marta – Não! Mas, desde que não seja por obrigação, e as pessoas envolvidas em relações de poligamia concordarem umas com as outras e se sentirem bem, não vejo nenhum problema! No entanto, eu acho que uma pessoa, quando ama, deve confiar na outra e não ter ciúmes. Não precisa de ser casada!

Avó – Hummmm! Não entendi muito bem onde queres chegar! Parece-me que há um pouco de confusão nessa tua ideia... Uma coisa é poligamia: um homem que tem direito a casar com várias mulheres, que geralmente já lhe foram “destinadas” quando nasceram. E outra coisa é um homem ter amantes.

Marta – Para mim é a mesma coisa! Os homens que têm amantes, pode-se dizer que são “polígamos ilegais” pois estão numa relação com várias mulheres. E, pelo que eu sei, as mulheres “legais” sabem que eles têm amantes mas fingem que não sabem só para não terem problemas!

Avó – Quer dizer que tu não te irias importar se o teu marido, que tu amasses, tivesse outra mulher!

Marta – Não é isso! Eu importava-me e o que fazia era deixá-lo e pronto! Ele que ficasse com a outra. Mas não ia matar a outra ou fazer-lhe mal.



Tia – Concordo com a Marta...

Avó – Lá estás tu de novo a defender a Marta! Eu vi muito bem quando choraste durante 3 dias por causa de descobrires que o Mino tinha uma outra namorada! Agora vens dizer que não tinhas ciúmes e que não deseavas que a outra desaparecesse no ar?!

Tia – Claro que essas coisas doem! Mas eu fiz o que a Marta está a dizer: deixei o Mino. É claro que gostaria muito que ela desaparecesse, mas também sei que se não fosse ela iria ser outra qualquer. Por isso, não fazia sentido “vingar-me” nela pelo feitio do Mino, ou pelo defeito que havia algures na nossa relação.

Ilundi – Eu nunca gostei do Mino. Ele era um parvo e eu fiquei contente quando a Tia o deixou! A Marta é que gostava muito dele, mas acho que era só porque a Tia gostava dele e ela tem de gostar de tudo o que a Tia gosta!

Marta – Isso é mentira. A Tia gosta de ti e eu não gosto de ti porque estás cada vez mais irritante e parva!

Avó – Parem com isso as duas. Eu sei que vocês gostam muito uma da outra e sempre arranjam maneira de se ajudarem quando uma precisa da outra. Vamos contar outra história. Que acham?

Ilundi – Sim, avó! Conta!

Avó – Já que estamos a falar de infidelidade, eu lembrei-me de um conto chamado:

A verdadedos sonhos

Havia um coelho que vivia com a família do rei pois casara com uma das suas filhas. Um dia a mulher do rei veio dizer-lhe:

– Dorme comigo, meu genro.



O coelho sentiu-se na obrigação de satisfazer o desejo da sogra e concordou. Mas o coelho não ficou contente com o que tinha feito e pensou que seria bom avisar o rei seu sogro. Decidiu que o melhor era dar a entender sem dizer directamente. Por isso, disse ao sogro:

– Meu sogro, hoje eu sonhei que tinha dormido com a minha sogra.

Ao ouvir isto o rei ficou furioso e disse:

– Sei muito bem que você não está a falar em sonhos mas em algo que realmente aconteceu. Portanto, isto é um grave problema e vamos resolver no conselho do reino.

No dia em que todos os conselheiros se reuniram para julgarem o coelho, esperaram por ele até ao entardecer e ele não aparecia. Por isso, enviaram mensageiros encarregados de o procurar e trazer ao conselho.

Depois de muito procurarem, encontraram o coelho a cavar num monte de muchem. Perguntaram-lhe o que o tinha atrasado nesse dia do seu julgamento no conselho e o coelho pediu:

– Digam ao rei que eu sonhei que tenho de cavar neste monte para encontrar um tesouro. E tem de ser hoje, pois amanhã já desapareceu.

O rei disse logo:

– O coelho está a mentir pois os sonhos não são verdades.

Ao ouvir aquilo os conselheiros perguntaram ao rei:

– Se os sonhos não são verdades porque nos reuniu aqui?

E os conselheiros foram-se embora e o problema do coelho acabou ali.

Ninguém parecia querer falar. A Tia continuava perdida nos seus pensamentos particulares que não queria partilhar... A Marta, ou ainda continuava amuada, ou estava simplesmente a imitar a Tia. A avó mastigava calmamente um biscoito.

Ilundi não se lembrava de nada que pudesse dizer sobre um conto de infidelidade. Também não estava na disposição de ouvir todos os silêncios que a rodeavam. Queria descobrir algo para dizer, que não parecesse parvoíce e que fosse divertido e animado.

Ilundi – Avó, sabe mais algum conto sobre “julgamentos”? Esse é um dos temas que temos para recolher contos.

Avó – Há muitos! Agora não me lembro de nenhum... Deixa ver...

A Marta pareceu acordar e disse:

Marta – Sei um que me contaram e que eu achei muito bonito. Chama-se:



O pescador e os 3 peixes

Um certo dia o pescador apanhou três peixes. De regresso a casa encontrou a sua esposa que lhe pediu os peixes para cozinhar. Mas o pescador respondeu:

– Não posso. Só levas um porque os outros já têm um destino.

A esposa ofendida perguntou-lhe qual era o destino dos peixes. O pescador explicou:

– Um vou emprestar e o outro é para pagar umas dívidas. E o pescador partiu com os dois peixes maiores e deixou o mais pequeno com a esposa.

A esposa achou aquilo muito estranho e chamou o conselho de família para que se soubesse a quem o marido andava a fazer empréstimos, e que dívidas andava ele a arranjar.

Quando o conselho de família chegou e pediu satisfações, o pescador explicou:

– Um peixe, eu fui entregar ao meu filho, pois ele vai devolver-me quando eu não puder pescar mais, fiz um empréstimo. O outro fui pagar a dívida que tenho para com os meus pais, que me alimentaram enquanto eu não aprendia a pescar.

O conselho da família ficou contente com a explicação e elogiou o pescador pela sua maneira de ver a vida. Também aconselharam a mulher a não desconfiar do marido, mas a aprender com ele.

Ilundi – Gostei muito desse conto, Marta! Obrigada!

Marta – Só não sei por que tem de ser o pescador e não a pescadora! São sempre as personagens homens que têm papéis importantes nos contos tradicionais. Quando eu crescer hei-de escrever contos em que as mulheres é que serão as heroínas!

Avó – Há histórias em que as mulheres são as heroínas! Lembrei-me agora duma chamada

O compromisso

Um casal ia de viagem e tinha de passar por uma zona de leões. Então combinaram que, se um leão atacasse um deles, o outro deveria puxar pela cauda do leão e ajudarem-se assim mutuamente, e cooperando poderiam salvar-se.



Realmente, a certa altura, um leão apareceu e ia atacar o homem. A mulher, rapidamente, agarrou na cauda do leão e os dois conseguiram pôr o animal em fuga, e seguiram o seu caminho.

Passado algum tempo apareceu o leão mas, desta vez, atacou a mulher. O homem, assustado, fugiu. E a mulher ficou sozinha a lutar contra o leão.

Marta – Gostei! Vou contar essa a toda a gente!

Avó – Logo vi que ias gostar!

Ilundi – Eu também gostei muito!

Marta – Só não percebo porque é que em todos os contos em que entrem mulheres tem sempre de entrar o casamento. Há muitos contos com homens ou animais machos sobre amizade, aventura... sei lá! onde não entra o casamento. Mas se entra mulher, tem de entrar casamento!

Avó – O casamento era e ainda é, mesmo que vocês não queiram, a base de todo o sistema social de uma comunidade, de um país, do mundo inteiro! O casamento dá a segurança necessária às crianças para que vivam felizes. O casamento, em todas as épocas, foi sempre mais importante para as mulheres do que para os homens uma vez que elas que é são as responsáveis pelos filhos e querem partilhar essa responsabilidade com alguém que, duma ou doutra maneira, as apoie na alimentação e defesa dos filhos.

Marta – Hoje as mulheres não têm de ficar dependentes dos homens, podem trabalhar e ganhar a sua vida. Além disso, nunca devem pensar em si próprias como propriedade de outra pessoa, mesmo que amem muito essa pessoa.

Tia – Nisso eu concordo com a mãe: é uma responsabilidade muito grande ter filhos. Tanto as mulheres como os homens deveriam pensar bem e só ter filhos quando soubessem que estão preparados para os criar, alimentar, vestir, educar e, principalmente, dar-lhes muito amor e apoio.

Marta – O que sempre me irrita nas outras meninas da minha idade é que só pensam em casamentos e vestidos de noiva... Elas não pensam na responsabilidade que é ter filhos. Algumas até ficam grávidas assim mesmo, enquanto são menores e estão a estudar.

Ilundi já sabia! Era agora e não ia conseguir evitar uma conversa “séria” sobre o HIV - SIDA... Assim decidiu-se por ser ela a primeira a atacar! Podia ser que assim a conversa não durasse muito, pois a Tia iria ver como ela já sabia tudo sobre o assunto! E, rindo-se interiormente, atirou:

Ilundi – Essas tuas colegas e amigas já deviam saber que uma mulher só está física e psicologicamente preparada para ter filhos aos 18 anos. Deviam usar preservativos para evitar ficarem grávidas e não apanharem doenças que se transmitem nas relações sexuais, como a HIV que ainda não tem cura...

A avó riu-se e a Tia sorriu, mas Marta olhou-a desconfiada. Estava a tentar perceber se a irmã a estava a gozar ou só queria mostrar a todos que sabia mais sobre o assunto que as suas colegas mais velhas! E a intervenção da Ilundi deve ter servido para que a Tia não falasse do SIDA e de como prevenir a infecção do HIV. Ela deve ter visto que a Ilundi já sabia muito sobre o assunto. Em vez disso a Tia disse:



Tia – Marta, há vários tipos de compromissos entre as pessoas, e ao que eu chamo “casamento” é um compromisso entre pessoas adultas, que se respeitam e que nada tem a ver com os casamentos de antigamente.

Marta – Compreendo... Mas essas miúdas irritam-me: elas acham que vivem num conto de fadas, com princesas e príncipes e fadas que lhes dão vestidos para irem ao baile! Pensam que vão viver felizes para sempre... Se calhar até acham que vão os dois morrer juntos, nos braços um do outro como o Romeu e a Julieta!

Tia – Não te deves irritar. Deves ter pena delas! Há um conto engraçado que também podes contar às tuas amigas e que mostra quem realmente são as “esposas” dum homem, ou também podem ser os “esposos” duma mulher. Chama-se:

As três esposas

Um homem disse:

– Tenho três esposas neste dia em que vou morrer. Qual das três me vai acompanhar?

A primeira disse:

– E u v o u - t e acompanhar e vou dormir contigo no local onde irás dormir.



A segunda disse:

– Eu vou-te acompanhar e ficar de guarda no local onde irás dormir.

A terceira disse:

– Eu vou-te acompanhar até ao local onde vais dormir e depois vou regressar a casa com as pessoas com quem fui até lá.

A primeira esposa é a esteira do caixão. A segunda é a peneira que se pendura no cemitério e se usa para receber terra. A terceira é a enxada que se leva para casa depois do enterro.

E já estava escuro. O lanche tinha-se prolongado até ao jantar. Ilundi já estava cansada, doía-lhe o rabo de estar há tanto tempo sentada. Também estava tonta de tantos contos. Nem iria precisar de procurar mais para o seu trabalho da escola. Só esperava não baralhá-los todos!

A avó parecia ter-lhe entrado dentro dos pensamentos porque disse:

Avó – Já está escuro! Daqui a pouco são horas de jantar e vocês têm de ir tomar banho, que andaram todo o dia por fora. Antes de nos levantarmos daqui e para finalizar, vou contar mais uma história muito pequenina para a Marta pensar nela. Mas não quero que fales nada agora. Amanhã vais dar a tua opinião! O conto diz assim:



Uma vez, há muito tempo, um homem queria saber como era toda a gente do mundo, sobretudo ele queria saber: quantas pessoas havia no mundo inteiro?

Assim, ele andou por toda a terra. Foi a todo o lado. E concluiu: – Andei, andei e só apanhei duas pessoas: a mulher e o homem.

Fim



Sempre me espanto com a violência de muitos contos e, no meu trabalho de seleção, tento escolher os menos violentos e adapto-os para que as “morais” e “lições a tirar” estejam mais de acordo com os “novos” conceitos de Direitos Humanos e os Direitos das Crianças.

Sinto que é preciso começarmos a reflectir sobre as mensagens, deste ou daquele “conto tradicional” (não só aqui, não só em África, mas em toda a parte, em todo o mundo, a começar pelas compilações de histórias do Antigo Testamento, do Alcorão, da Tora donde vêm “ideias” para muitos dos contos que são contados).

Provavelmente, muitos irão critica-me, muitos não concordarão com as minhas “conclusões”, mas isso não é o importante, importante é o PENSAR (e pensar é reflectir, questionar, discutir, filosofar), mesmo que seja para “justificar” e enaltecer os contos.

Não concordo com o “banimento” seja de que conto for, seja de que pensamento, ou filosofia existente, for. Chega de “queimar” livros e ideias! O que quero sublinhar é a necessidade de “discutirmos”, de “reflectirmos” de “questionarmos”, de modo a não haver um cantar “mecânico” de valores, de filosofias, de contos.

Gostaria que, sempre que alguém contasse um conto às crianças, estivesse consciente do que este representa ou representou, procurando talvez o modo de melhor “justificar” o uso de um qualquer “castigo”, que vai contra todos os direitos humanos que hoje conhecemos e deveríamos defender.

Angelina Neves

**É preciso PENSAR
pelo Direito das Crianças a um Mundo melhor**

